



Plantas medicinais

Pesquisa da Esalq identifica anatomia e perfil químico

A falta de técnicas de manejo sustentável do uso da terra promove intensa pressão sobre os biomas brasileiros, ameaçando muitas espécies de extinção. Especialistas em plantas medicinais acenam que a falta de investigação científica, aliada ao uso inadequado dos recursos vegetais, podem acarretar na perda do conhecimento tradicional dessas espécies. "As atuais atividades extrativistas, aliadas às políticas conservacionistas pouco eficazes, entre outros fatores como especulação imobiliária e poluição, ameaçam a sobrevivência das espécies da flora brasileira de maneira geral. Incontáveis espécies ainda não tiveram seu potencial para exploração comercial ou medicinal inteiramente esclarecido e pode ser que nunca venham a ter", comenta João Marcelo da Silva, biólogo e mestrando do programa de pós-graduação em Fisiologia e Bioquímica de Plantas, da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" (Esalq).

Segundo o pesquisador, plantas do gênero *Smilax* L., conhecidas popularmente como japecanga, cipó jape-

canga, salsaparrilha e aputá, poderiam perfeitamente ser incluídas neste contexto, visto que são amplamente utilizadas por seu caráter medicinal. Sob orientação da professora *Beatriz Appezzato da Gloria*, do Departamento de Ciências Biológicas (LCB), João Marcelo conduziu sua pesquisa para apresentar a anatomia e o perfil químico de duas espécies deste gênero. Para tanto, coletou material na Mata Atlântica, mais precisamente em Santa Teresinha (ES) e na floresta amazônica, em Manaus (AM).

De acordo com o autor do estudo, sua pesquisa ratificou a importância de análises anatômicas e ultra-estruturais na identificação de plantas e também de drogas de origem vegetal. "O trabalho resultou em ferramentas eficientes de distinção entre as espécies estudadas, uma vez que trouxe informações inéditas sobre sua composição química, que podem levar ao esclarecimento dos princípios ativos destas plantas. Assim, os resultados proporcionarão uma base mais segura para a certificação e comercialização dessas plantas medicinais", conclui.